

era uma vez uma cortina...



EPISÓDIO I



A primeira vez que me chamaste eram onze da noite. Levaste-me para o topo de uma falésia, a cerca de trezentos metros acima do nível do mar – o ar era espesso e suavemente infiltrava-se por entre os canaviais.

À nossa frente víamos a silhueta de um barco entrando no porto de pesca, enquanto que atrás de nós surgiam pequenas luzes de entre a escuridão que, observando atentamente, compunham um presépio sem centro, sem gruta.

Abraçaste-me, injectando-me o esquecimento, que te foi oferecido pelas mágoas que espalhavas no solo de pedra que calcávamos.

Não movíamos os nossos lábios para não perdermos a possibilidade de ao longe sentirmos a respiração de uma baleia, trazida pelo cremoso ar que serpenteava por entre os canaviais.

Depois, as luzes extinguiram-se atrás de nós e os contornos dos nossos corpos, por breves instantes, foram sublinhados pelas luzes do farol que subiram do porto até ao miradouro onde nos encontrávamos.

Então aproximaste os teus lábios dos meus, não para os beijares, mas para contares-lhes segredos que neles deveriam permanecer selados. Depois de os terem absorvido, beijaste-os e deixaste pender o peso do teu corpo sobre a amnésia que paralisava todos os meus sonhos. Encostaste a tua cabeça sobre o meu ombro e esperaste que eu sentisse o arrepio das tuas lágrimas sobre a minha espinha. Nesse momento, comecei a levantar a tua blusa com vagar e tu auxiliaste-me, erguendo os braços com movimentos de boneca desmontada.

Enxuguei-te os olhos e, com o seu sal nas minhas mãos, acariciei-te suavemente as pontas dos seios. As tuas pálpebras ficaram mais pesadas quando a ponta fria do teu nariz se encostou ao meu e os nossos corpos vibraram em valsas inebriantes.

As luzes voltaram a acender-se atrás de nós e, então, confiaste-me os teus bosques secretos num sopro, enquanto eu deitava-te em cima de mim, tentando tornar o meu corpo no mar em que desejassem flutuar.

Senti o espesso ar do teu respirar dentro da minha boca, enquanto os movimentos do meu corpo fundiam-se nos do teu, e o movimento de ambos dissolvia-se no azul madrugada que dos nossos corpos se elevava às estrelas, que dançavam com os sons que outrora preencheram o interior dos nossos corpos.

E quando apertava o teu corpo de encontro ao meu, reduzia a cinzas todo o ruído desnecessário de hemorragias internas, que iam estancando com as tuas lágrimas já dentro do meu sangue.

Às oito da manhã, as persianas do meu quarto deixavam entrar o ar húmido que se entranhava nos meus poros, como fotografias tuas.

Adormeci novamente...

Acordei às dez com o telefone a tocar. Levantei-me da cama demoradamente e, quando finalmente consegui esticar-me de forma a chegar até ele, parou subitamente de tocar.

Abri a janela, absorvendo o interminável movimento de pessoas na rua, que acordaram novamente todos os ruídos dentro de mim. Levei as mãos aos ouvidos, mas os ruídos não pararam...

EPISÓDIO II



Acordaste-me às duas da manhã e levaste-me para uma casa abandonada, com a qual eu havia sonhado repetidamente em criança.

Abriste a porta com um movimento firme e, depois, com um movimento dolente, empurraste-me para dentro. A luz vinda do fundo das escadas, conjugada com o pó que se levantava, criava uma bonita cortina que ondulava com a intensidade da luz.

Conduziste-me até a um quarto de cama impecavelmente limpo, que ficava no rés-do-chão, à direita do hall de entrada. As paredes estavam pintadas de vermelho e ao centro havia uma cama de ferros, mal iluminada por uma pequena janela que cedia a visão a um desolado quintal de destroços.

- “Sabes onde estamos?” – perguntaste-me com uma voz muito doce, enquanto me deitavas na cama.

- “Não” – respondi relaxadamente.

- “No ponto em que se interseccionam a ilusão e a realidade, o amparo e o desespero, perdendo todos eles a sua essência” – balbuciaste, imediatamente antes de teres selado os meus lábios com os teus.

Senti as tuas mãos nas minhas costas, debaixo da camisola de veludo preto que cobria-me o tronco – tinhas rugas nos dedos, que senti a arranharem-me a pele. Depois, com movimentos de fada, fizeste subir as tuas mãos em direcção ao meu rosto – sobre este, a pele dos teus dedos revestia-se de sêda.

Passaste os teus dedos – um de cada vez, levemente – pelas irregularidades da pele sobre a minha face, enquanto sorrias triste e dócilmente. Eu permanecia deitado sobre a cama, a enrolar os teus cabelos com as minhas mãos.

- “Vamos sair deste quarto; anda! quero mostrar-te uma coisa!” – disseste-me em sobressalto, interrompendo a perfeição do momento.

Pegaste na minha mão e conduziste-me novamente até ao hall de entrada, enquanto repetias – “vamos, vamos!” – com um sorriso de criança marota.

Enquanto subia as escadas, observava os quadros em tons de cinzento, presos à parede esquerda. Tinham fotografias – que pareciam cobertas por uma fina cortina de fumo – de estradas em terra batida, ladeadas por árvores de grande porte, ou então, por arbustos que se desvaneciam no horizonte.

Ao cimo das escadas havia um novo hall, mais pequeno que o anterior, que dava acesso a um salão à esquerda e a um quarto de cama à direita. Ao centro, uma janela de vidros embaciados projectava luz esbranquiçada sobre o hall e as escadas.

- “Vem por aqui, esgueira-te pela janela!” – disseste-me com imenso entusiasmo, enquanto abrias a emperrada janela.

À frente dos meus olhos estava um jardim pintado em tons de cinzento, tão embaciado quanto a janela que lhe dava acesso. Flocos de neve caíam sobre nós, embalados pelo som de um piano desértico.

- “Não seria tão belo não desejarmos mais nada?” – disseste-me comovida, enquanto enxugavas as lágrimas no veludo sobre os meus ombros.

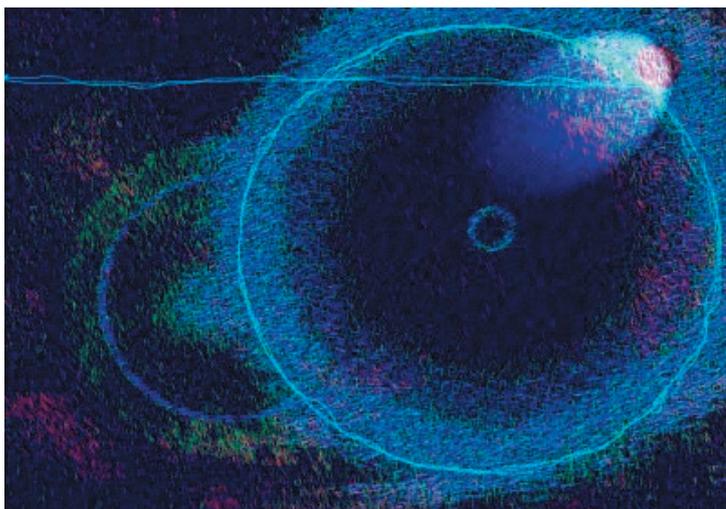
- “É esta a perfeição que conseguimos alcançar, e que acaba por ser se diluir nas lágrimas que vertemos, por sabermos que apenas a conseguimos observar desfocada e em tons de cinza.” – pensei alto.

Começaste a chorar convulsivamente sobre os meus ombros. Eu acariciei-te os cabelos, descendo as mãos com muito vagar da tua cabeça para o pescoço.

Uma borboleta rasava as tulipas no seu vôo, enquanto uma pequena luz surgia na distância, aumentando gradualmente de tamanho e absorvendo tudo aquilo que antes iluminava. Observei a borboleta desaparecendo sob a luz, antes de esta absorver-nos também.

Acordei a chorar, sentindo a falta do toque da tua pele.

EPISÓDIO III



Acordei às cinco da manhã. Vesti apressadamente umas calças de ganga pretas e uma camisola de malha cinzenta por cima dos pijamas. Saí de casa sem comer, meti-me no carro e dirigi-me para o nosso recanto secreto.

As minhas mãos pesavam como chumbo sobre o volante e a minha ansiedade reflectia-se nas faixas de rodagem, enquanto eu procurava pelo teu holograma no escuro. As árvores tocavam no tejadilho do carro e eu seguia à velocidade que os meus músculos adormecidos permitiam.

A tua sombra erguia-se nos meus sonhos lúcidos, enquanto eu tentava controlar o fogo que consumia as árvores que ladeavam a estrada. E não era o cheiro a madeira queimada que entrava pelos vidros entreabertos do carro – era o odor a incenso dos teus incêndios nocturnos.

Cheguei ao nosso local de encontro secreto quando o Sol erguia-se vagarosamente do mar, ao som de uma canção de embalar construída a partir do som de metal a bater levemente em copos de cristal; depois, as guitarras juntavam-se e aceleravam os meus batimentos cardíacos até ao ponto de arritmia, destruindo impiedosamente o embalo da canção. Esperava que a qualquer momento tomasses forma do espesso ar que balançava os canaviais, mas apenas as tuas lágrimas projectadas na minha sombra me amargavam a boca e rasgavam-me a garganta.

Quando a língua começou a pesar, passando a sua dormência para todos os órgãos do meu corpo, entrei de novo no carro e, à velocidade que a anestesia no meu corpo permitia, conduzi de volta à cidade. Eram sete da manhã... os meus braços sangravam e as árvores ainda ardiam. O meu holograma balançava-se no incêndio, lançando uma febre que se transferia da projecção do meu corpo para ele próprio.

A tua ausência queimava-me ainda os nervos quando cheguei à avenida. Eram oito da manhã. Nenhum ruído... Sanguessugas escorregavam pelo meu corpo, sorvendo as lágrimas que outrora havias injectado no meu sangue.

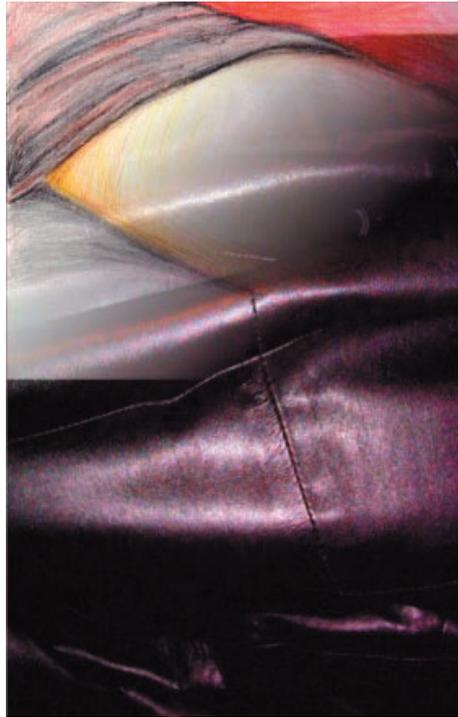
Não havia carros na avenida...

Também não havia pessoas...

Subitamente, vi o teu rosto ao fundo da avenida... O teu holograma erguia-se a trinta metros de altura sobre a cidade. Desceste o teu olhar desértico sobre a minha face enquanto, do pescoço para baixo, a tua imagem se tornava translúcida. Depois, o teu nome ergueu-se por cima de mim, logo antes de as minhas mãos estendidas o terem feito entrar em combustão.

Começaram a aparecer os primeiros carros e eu comecei a ouvir os primeiros risos, depois gargalhadas, subindo de intensidade...

EPISÓDIO IV



Colocaste as tuas mãos sobre a minha testa e pressionaste-a fortemente, injectando assim o teu álcool nos meus vasos sanguíneos. Desceste-as em seguida até ao meu pescoço e massajaste-o com gestos que as tuas mãos roubaram aos lábios. Dois minutos depois, a minha pele arrepiava-se, à medida que as tuas mãos escorregavam do pescoço para o meu peito, num movimento que aprendeste numa noite distante. Senti a ponta dos teus dedos sobre os meus mamilos gelados, adormecidos por um outro deserto de neve que ainda não havia cessado de espalhar os seus ventos sobre a minha pele.

Pediste-me para rodar a chave da ignição. Virei a cabeça para a direita, e só então reparei que tinhas os olhos sublinhados a negro e os lábios pintados de vermelho escuro. Percebi como te havias transformado (ou teria sido eu a moldar-te de outra forma?) desde a primeira vez em que nos encontrámos. Todos os teus movimentos se haviam alterado – de uma valsa minimal para a brusquidão de uma madrugada ébria.

Os meus olhos concentravam-se nos candeeiros que iluminavam a estrada de calçada, enquanto colorias a minha pele com sonhos de luxúria.

Parámos num cruzamento iluminado por apenas um candeeiro, cuja luz - conjugada com a humidade do ar - criava uma falsa cortina. Saímos do carro e atravessámo-la.

Perdi o controle do meu corpo, quando colocaste sensualmente os teus braços unidos em volta do meu pescoço. Baixei os meus das tuas clavículas até às ancas, sentindo então o cabedal da tua saia a incendiar-me as mãos. As luzes que preenchiam os limites do meu campo de visão tornavam-se em pontos de referência de uma história perdida nos confins de outra dança, envolto noutros braços, que não souberam como oxidar os meus ossos.

Quando os teus lábios derreteram o gelo dos meus, deixei as minhas mãos deslizarem, em movimento comovente, das tuas ancas para os seios.

No banco de trás do carro deixámo-nos enebriar pelos nossos sentidos, enquanto pequenas amnésias trespassavam os nossos corpos. E a dor de te possuir evaporava-se de todo o meu corpo, alojando-se momentaneamente nos teus seios, deslizando depois até ao umbigo, enquanto todo o teu corpo vibrava em palpitações de fogos fátuos.

Quando adormeceste, fiquei a observar as feridas nos teus braços a fecharem-se, da mesma forma que nuvens brancas cobriam lentamente o céu azul da minha infância, ao fim da tarde. E eu segurava nos meus braços o teu sono profundo, no qual penetrariam palavras que a minha boca não ousaria pronunciar, adormecida que estava pela tua inocência.

Acordei no oceano de cinzas azuis, onde as desilusões de marinheiros afogados pernoitam. Quando acordei, os ossos dos meus braços estavam doridos e os meus olhos sublinhados a vermelho. Onde estavas, quando o meu corpo permaneceu unido ao teu?

EPISÓDIO V



O ritmo compassado do meu coração pintava de vermelho as paredes do quarto.

Se os meus olhos tivessem conseguido abrir a clarabóia... Mas não estariam as estrelas a sangrar naquela noite?

O que restava das tuas lágrimas no meu sangue inchava-me as veias. Ao fechar os olhos, via o meu sangue a ser retirado delas e a cobrir as paredes, primeiro de luxúria, depois de terror.

Quando o sangue parou de escorrer pelas paredes do quarto, os meus batimentos cardíacos projectaram-se nas cortinas e atearam nelas os teus incêndios de sangue. As suas cinzas cobriram-me os olhos de branco que, então, conseguiram abrir a clarabóia.

- “Onde estás? Onde estás?”

- “Aqui, meu amor!” – sussurraste

- “Onde?”

- “Olha para a lua... esquece a noite passada! sabes que eu lá nunca estarei - foram os teus olhos que a desenharam, a carne do teu coração que a pintou.”

- “Onde estás?”

- “Dentro de ti, mesmo quando não me sentes.”

- “Vem comigo – deixa que, por uma vez, seja eu a guiar-te.”

O vento frio e húmido cortava a pele, quando abandonámos a casa de mãos dadas. Caminhámos durante duas horas sem pronunciarmos uma palavra; o silêncio apenas era interrompido pelas rajadas de vento que balançavam com vigor o teu sobretudo e os teus cabelos frisados.

Olhaste-me nos olhos com um misto de ternura e compaixão, quando chegámos a uma falésia, oitocentos metros acima do nível do mar. Apertei-te a mão com mais força, quando deixámos os nossos corpos penderem para a frente, em direcção ao mar.

A queda parecia interminável... Quando estava a milímetros de atingir a água, acordei.

Liguei o candeeiro e fiquei a observar a sua luz reflectida no espelho, até que os meus olhos ficaram cansados, passando a sua fadiga para todo o meu corpo, que adormeceu sem esforço.

Acordei três horas depois.

- “Dança uma última valsa comigo!” – suplicaste, escondida no outro lado do espelho.

Não respondi.

Estendeste-me a mão em desespero, enquanto eu olhava-te com a minha mais profunda frieza.

EPISÓDIO VI



Esta é a última noite que passo nesta cama manchada pelo teu sangue, e neste quarto assombrado pelo teu corpo. Amanhã ele ficará vazio e o eco dos teus desertos ficará preso entre as suas paredes.

- “Não vás embora, não distorças a minha pele e o meu sentir. Ainda não te deixaste afogar no alto mar comigo...” – dizes-me suavemente, sem que eu consiga ver o teu rosto.

- “Para quê? Se em cada gota de chuva que pela minha janela escorria, eram as tuas lágrimas que bebia?”

- “Peço-te mais uma vez – Não vás! Não, sem que eu te revele o meu segredo...”

- “E qual o teu segredo?”

- “Olha para o pêndulo do relógio... Move-se com o calor do teu corpo.”

- “Sim?”

- “Eu levava-te para os nossos desertos de neve... E em cada floco escondia todos os meus segredos – cada pequeno segredo abrindo as portas de outro maior, mas todos eles iguais na sua forma.”

Depois de dizeres isto, recostas a tua cabeça sobre o meu ombro direito e sussurras-me:

- “Onde estás escondido, meu amor? Onde escondeste os sons do teu triste piano que acordam a minha pele?”

- “Tudo isto é um sonho, tu não existes, não há lugar para ti neste quarto!”

- “Quando adormeço no teu corpo, o teu sangue vibra na espessura da minha respiração, faz inchar os meus ossos.”

– dizes-me logo antes de eu adormecer pela última vez nesta cama.

Acordo do primeiro sonho, adormecido numa cave, com nuvens de ópio elevando-se ao tecto. Uma mulher morena, de pálpebras inchadas sublinhadas a negro, diz-me com vagar – “lá fora, estão todos mortos!”

As suas palavras conduzem-me até ao segundo sonho...

Uma criança de sete anos pega na minha mão e leva-me para o quintal. Move uma pedra da calçada e estende-me uma caixa. Abro-a... Centenas de violinos e violoncelos ecoam distantes, afagam os meus ouvidos – mas eles estão lá apenas para sublinharem o som próximo de um piano, entristecendo-me com as suas melodias.

Acordas-me, pousando a tua cara sobre a minha. Sussurras-me:

- “Agora compreendes o meu segredo?”

- “Qual o teu nome?”

- “O meu nome está gravado nas tuas veias, desenha o teu corpo com as suas letras, molda a tua tristeza em filigrana.”

- “Onde estás? Onde estiveste todo este tempo?”

- “Dormindo no teu sofá, todas as noites, enquanto pintava o teu coração com os tons que me ofereceste na noite em que te conduzi pela primeira vez ao meu porto.”

EPISÓDIO VII



Ouvia pássaros a anunciarem prematuramente a manhã, quando pegaste na minha mão e docemente me encaminhaste para a entrada do túnel.

Trazias um vestido cinzento que cobria-te dos ombros aos pés. Os meus pés chapinhavam nas poças de água, mas os teus não – todo o teu corpo erguido parecia caminhar numa semi-transparência.

- “Sabes por que estou aqui contigo?”

- “Não.”

- “Quando acabarmos de percorrer o túnel será manhã. Ouvirás galos cantando e o ar será leve e fresco.”

- “Na realidade dos meus sonhos nunca amanhece.”

- “Mas isto não é um sonho!”

- “O que é então?”

- “Por que hei-de eu responder a esta pergunta, se tens a resposta há muito dentro de ti?”

- “A realidade é irreal e a irrealidade real?”

- “Nem uma coisa nem outra. Algures entre os dois situa-se o espaço onde estamos agora. Mas não foi para discutirmos isso que te trouxe aqui.”

- “Então para que foi?”

- “Já te disse” – respondeste impacientemente – “para ouvires os galos a anunciar o dia e o ar fresco a passar por entre os fios da tua roupa, acabando por se infiltrar na tua pele.”

- “Em mim nada amanhece.”

- “Se não regas a terra, nada chega a crescer!”

- “E que água tens para me oferecer?”

- “A água dos poços mais lodosos – é lá que encontrarás o oceano de que tens medo.”

Acordei com o som dos sinos da igreja e o assobio do vento. Tinha um chá na mesa de cabeceira. Bebi-o em apenas dois goles e tornei a adormecer.

- “Voltaste!” – disseste-me alegremente.

- “Estás sempre à minha espera dentro dos meus sonhos?”

- “Mas porque dizes que estás a sonhar? O que te leva a crer nisso? Não poderá ser isto a realidade e tu a dormir na cama um sonho?” – perguntaste-me com um aborrecimento na voz que ainda não conhecia.

- “Vem comigo. Há ainda uma coisa que te quero mostrar”.

Percorremos de mãos dadas um bosque sombrio. Eu esfregava as tuas mãos nas minhas, sabendo que esta deveria ser a última vez que as sentia. De vez em quando, virava os meus olhos para o teu rosto – a tua expressão revelava tanto de felicidade profunda, como de luto.

Percorremos um estreito trilho de terra batida, decorado com criptomérias de grande porte em ambos os lados. Quando sentias o perfume de um cedro, paravas a cheirá-lo – o teu rosto ficava rubro e, em seguida, dançavas como uma menina na Primavera.

Ao fim de três horas a caminhar, um dos lados deixou de estar preenchido por árvores, passando o espaço a ser ocupado por um carreiro de água - tornando-se progressivamente mais largo - até desembocar num lago rodeado por pequenos arbustos.

No centro do lago estava um cisne negro. Aproximei-me da margem e, rapidamente, ele veio ter comigo - nos seus olhos tanto havia o orgulho natural de cisne, como a tristeza da sua solidão. Olhei depois para ti - a tua face adquiria agora contornos muito nítidos.

- “É tempo de eu partir.” – disseste-me com uma voz muito frágil e triste.

Rugas começaram a rasgar-te a pele do rosto, desaparecendo logo em seguida, fazendo assim sobressair a tua essência - uma beleza que as minhas mãos não conseguem alcançar, que adormece o meu sangue.

O teu corpo foi-se tornando transparente até desaparecer na bruma que se abatia sobre o jardim.

Adormeci na relva junto ao lago, tendo acordado com o Sol a queimar-me a pele docemente.

- “É tempo de voltares” - parecia escrito no ar que ondulava por entre os arbustos e que encontrava um abrigo dentro dos meus pulmões.

Acordo, visto-me vagorosamente, abro a porta e dirijo-me para o jardim público. Um rapazinho de cabelos lisos doirados e bochechas salientes corre até mim com um sorriso, estendendo-me um pequeno embrulho, enquanto me diz baxinho – “já não tenho medo”. Os meus olhos brilham com o fulgor do Sol de meio da tarde.

Abro o embrulho – dentro dele está uma caixa amarela que me suga para o seu interior.

Acordo com os olhos semi-cerrados. Afasto as cortinas e olho para fora: as árvores e as pessoas estão pintadas com cores garridas, e todos os sons surgem-me próximos e familiares, como que vindos de outra vida da qual o meu corpo ainda se recorda.

Agora posso acordar.

CONTO: Luís Couto

ILUSTRAÇÕES: Susana Mota

